

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE PAISAGEM E A AULA DE CAMPO NA PRAÇA DO FERREIRA – FORTALEZA – CEARÁ

(The landscape and the square: considerations about the concept of panorama and the class field at Praça do Ferreira – Fortaleza – Ceará)

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de compreender as diversas maneiras de abordar o conceito de paisagem no ensino de Geografia e a aula de campo como ferramenta fundamental para a abordagem do conteúdo geográfico na relação aluno e professor. O centro de Fortaleza representa a história do povo e o foco do trabalho será para a Praça do Ferreira, espaço que nos permite vislumbrar diversas paisagens a partir de seus prédios que datam de diferentes épocas tornando possível a partir disso a compreensão das transformações ocorridas na paisagem da cidade ao longo do tempo e do espaço. Com isso, o professor pode apontar as diversas formas de paisagem levando os alunos a refletir e discutir problematizando um espaço que muitas vezes eles conhecem e identificam somente a partir das relações comerciais sem observar a paisagem e a sua Geografia. Contudo, o conceito de paisagem trabalhado a partir de aulas de campo torna-se mais palpável, permitindo ampliar o horizonte dos alunos a partir do momento que eles têm a possibilidade de vê-lo e vivenciá-lo de maneira real no dia-a-dia no centro de Fortaleza sentindo-se um ser transformador da cidade.

Palavras-chave: Educação; Paisagem; Praça do Ferreira; Ensino de Geografia.

ABSTRACT

This study aims to understand the many ways of approach the concept of panorama in the Geography teaching and the class field as a fundamental implement to approaching of the geographical subject with the relationship between teacher and student. The center of Fortaleza represents the people history and the focus of the job will be to Praça do Ferreira, space that allows us glimpse many panoramas starting with his buildings from different ages making possible with this the comprehension of the changing happened at the panorama of the city along the time and space. Therewith, the teacher can show many ways of sights making the students think about it and discuss a space that they know and identify just starting of the business relationship without notice the view and the Geography. However, the concept of landscape worked from field lessons becomes more palpable, allowing broaden the horizon of students from the time they are able to see it and experience it in a real way in the day-to-day in downtown Fortaleza feeling a transformer city.

Keywords: Education; Panorama; Ferreira's Square; Geography Teaching

Bruno Rodrigues da Silveira
Universidade Federal do Ceará
Rachel Vieira de Araújo
Universidade Federal do Ceará

INTRODUÇÃO

Refletir sobre a educação na contemporaneidade é uma tarefa por demais árdua. Inúmeros são os anseios do mundo moderno, e a educação deve saciar grande parte dessas necessidades. Estas advêm não somente da sociedade em si, mas também do mercado.

Não se quer somente um indivíduo capaz de ler e escrever, nem um indivíduo mecanizado e condicionado, capaz somente de operacionalizar tarefas sem contextualizá-la e compreendê-las. Necessita-se de pessoas capazes de interpretar a realidade na sua totalidade, e que também sejam agentes da transformação do mundo no exercício da cidadania.

Se o mundo necessita de cidadãos, então a escola, que é, a nosso ver, um dos principais ambientes de difusão da educação, deve formar cidadãos.

Para alcançar tais objetivos, o professor, que é um dos sujeitos presentes no processo de ensino-aprendizagem na escola, aqui entendido como uma relação de interação entre sujeito (aluno) e o saber (conhecimento sistematizado) sob sua tutela, deve estar capacitado para essa tarefa. Então a boa formação dos professores torna-se uma etapa essencial para o bom andamento desse processo.

Sua formação deve aliar os conhecimentos teóricos e a prática, esta servindo como momento de reflexão e crescimento sobre os procedimentos e os objetivos do ensino. Tornando-se fundamental que o professor em formação entenda que somente os pressupostos teóricos, ou a prática docente, tratados de forma isolada, não contribuem para o amadurecimento profissional. E que nenhum livro ou professor “doutor do Olímpo” irá dar-lhe a receita da prática docente ideal, se é que ela existe. E sim, o diálogo entre ele e o professor formador, e a reflexão crítica constante acerca da prática (FREIRE, 1996).

Assim, a formação professor de Geografia está inserida no contexto acima descrito, devendo também criar mecanismo que favoreçam o professor na tentativa de aliar sua experiência de vida aos conhecimentos teóricos, buscando uma autonomia profissional.

Para Cavalcanti (2002) a formação dos professores de Geografia

[...] deve ser uma formação consistente, contínua, que procure desenvolver uma relação dialética ensino-pesquisa, teoria-prática. Trata-se de uma formação crítica e aberta à possibilidade da discussão sobre o papel da Geografia na formação geral dos cidadãos, sobre as diferentes concepções da ciência geográfica, sobre o papel pedagógico da Geografia escolar. (CAVALCANTI, 2002, p.21)

Desse modo, o artigo propõe realizar um debate acerca do conceito de Paisagem na Geografia e como professores podem realizar um trabalho de campo no histórico centro de Fortaleza utilizando imaginação e conceitos geográficos. Interligamos as formas urbanas ao percurso urbano e relatamos nesse contexto o estudo da paisagem para o ensino da Geografia, utilizando como exemplo a Praça do Ferreira.

Por fim, é importante os professores avaliarem o trabalho de campo na sala de aula e fazerem reflexões sobre o processo de desenvolvimento urbano das cidades.

O CONCEITO DE PAISAGEM NO ENSINO DA GEOGRAFIA

O conceito de paisagem, não é único da Ciência Geográfica, sendo também objeto de análise de outras ciências, entre elas a Arquitetura e o Urbanismo.

A paisagem, no senso comum, pode se definida como uma determinada área que se alcance num lance de visão, ou mesmo como um quadro ou gravura que nos mostra uma determinada paisagem urbana, rural ou natural.

O geógrafo norte-americano Carl Sauer (1889-1975), considerado pai da Geografia Cultural, definiu a paisagem geográfica como o resultado da ação da cultura, ao longo do tempo, sobre a paisagem natural. Essa definição destaca a cultura como determinante na construção e reconstrução da paisagem. Nos dizeres de Sauer (apud CORRÊA, 1998, p. 9): “A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural”. Isto é, determinados grupos impõem a cultura dominante na construção da paisagem.

A conceituação de paisagem é muito antiga na Geografia. Na Geografia Tradicional está ligada ao “gênero de vida” do Possibilismo de Vidal de la Blache, onde a relação entre homem e natureza vai passando de uma simples adaptação a uma ação modeladora, pela qual o homem com sua cultura cria uma paisagem própria de cada porção do globo terrestre. Corrêa (1986, p.28) afirma que na Geografia vidaliana: “a região geográfica abrange uma paisagem e sua extensão territorial, onde se entrelaçam de modo harmonioso componente humano e natureza”. No modo de ver de La Blache, o conceito de região e paisagem se confunde.

Região e paisagem são conceitos equivalentes ou associados, podendo-se igualar, na geografia possibilista, geografia regional ao estudo da paisagem. E esta equivalência tem apoio lingüístico: em francês *paysage* (paisagem) vem de *pays* (pequena região homogênea); em alemão a palavra *landschaft* tem dois sentidos: paisagem e extensão do território que se caracteriza por apresentar aspecto mais ou menos homogêneo; em inglês *landscape* designa paisagem, e Sauer usou o termo como sinônimo de região. (CORRÊA, 1986, p. 28)

A paisagem nesse momento torna-se o objeto de estudo da ciência em epígrafe. Isso por permitir a observação dos aspectos visíveis dos fatos, fenômenos e acontecimentos geográficos. Por se aproximar bastante da Geografia de La Blache, Carl Sauer afirmava que todo o campo da Geografia era a paisagem, defendendo com isso um método de análise: o interesse da Geografia seria estabelecer conexões espaciais, sem causalidade oculta, limitando-se a um sistema puramente evidencial (CAVALCANTE, 1998).

Na linha cronológica do pensamento geográfico o conceito de paisagem foi transformando-se, ora perdendo valor ou ora ganhando relevância nos estudos dos processos espaciais. Um momento de grande limitação do uso do conceito de paisagem é durante a ascensão da Nova Geografia na década de 1970, devido à formulação de novos métodos de análise que ficaram conhecidos como revolução teórica-quantitativa, onde a noção de sistema espacial torna-se primordial. Visto que, a simples descrição da paisagem, abordagem da Geografia Tradicional, não mais supre as necessidades metodológicas da Geografia (MORAES, 2003).

Na atualidade o conceito de paisagem ganha força nos estudos relacionados à Geografia Física e a Geografia da Percepção.

Conforme Mendonza (1988 apud CAVALCANTI, 1998), paisagem na Geografia Física é:

Um sistema real cujos elementos e interações são o que são, com independência da percepção ou significado que lhes dêem as pessoas carentes do distanciamento e de instrumentos teóricos adequados para um conhecimento objetivo. (MENDONZA, 1988 apud CAVALCANTI, 1998, p. 98)

Entretanto, na Geografia da Percepção, existe um mosaico de signos e significados na constituição da paisagem. A percepção da paisagem envolve certa subjetividade do sujeito. Milton Santos em sua obra *Metamorfoses do espaço habitado* defende a idéia de que a paisagem é o que apreendido pelo sujeito através dos sentidos (SANTOS, 2008).

Porém, a análise da paisagem não deve somente se ater as aparências, porque até como coloca o próprio Descartes, em *Meditações sobre a filosofia primeira*, não podemos confiar somente nos sentidos, pois sempre eles podem nos levar a conclusões errôneas acerca da realidade. Nos termos de Santos (2008):

A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê deforma diferenciada; desse modo, a visão – pelo homem – das coisas materiais é sempre deformada. Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto para chegar ao seu significado. A percepção ainda não é o conhecimento, que depende de sua interpretação, esta será tanto válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência. (SANTOS, 2008, p. 68)

Na análise da paisagem¹, em especial as paisagens urbanas, podemos visualizar os elementos que a constituem, e percebermos o simbolismo que lhes é atribuído ou construído através dos processos históricos e sociais.

São exemplos os monumentos, os memoriais, os templos religiosos, os edifícios históricos de uma forma geral que não são somente objetos estéticos. São intencionalmente dotados de sentido político, capazes de deter complexos significados. Os mesmos compõem representações materiais de tempos passados, onde as características dos processos econômicos, políticos e sociais desses períodos, impregnam na paisagem urbana suas marcas (CORRÊA, 2005).

Todos esses objetos, sendo construções sociais são carregados de significados duais. Visto que sua capacidade de expressar a mensagem para que foram construídos, é limitada, ou mesmo contestada. Segundo Corrêa (2005, p. 14) “o significado único que se tenta impor por meio da paisagem material é inevitavelmente alterado, tornado móvel e aberto a leituras alternativas por vezes contraditórias”.

¹ Vale a ressaltar que na visão de alguns autores existe uma paisagem natural e outra cultural. Para Thralls (1967, p.133) “a paisagem natural é a base sobre a qual se constrói a paisagem cultural”. Na visão do autor a paisagem natural é aquela à qual o homem teve que acomodar-se enquanto desenvolvia uma área geográfica e a cultural consiste de casas e edifícios feitos pelo homem, terras cultivadas, meios de transportes-estrada, pontes (op.cit., p.134). Milton Santos trabalha com a perspectiva de uma paisagem natural e outra artificial, sendo as paisagens na realidade um conjunto de formas artificiais e naturais. A paisagem é sempre heterogênea (SANTOS, 2008).

A longa permanência desses objetos na paisagem, determinada por sua localização fixa, são meios de comunicar valores, crenças, utopias e afirmar o poder dos que os construíram. Em face aos meios de comunicação modernos, possuem alcance limitado, porém impregnam as paisagens urbanas de valores estéticos e simbólicos.

Assim, os homens inscrevem, nos monumentos que constroem, e nas intervenções que fazem na paisagem, os significados que lhe são inerentes. Entre os frutos da dimensão cultural, a paisagem é a que ganha maior notoriedade (CLAVAL, 1997).

Para outra perspectiva atual na Geografia, de embasamento dialético, a paisagem tem sido utilizada como elemento inicial de análise, onde essa possui uma dimensão objetiva e subjetiva. Santos (2008) define paisagem: “Tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança é a paisagem. Esta pode ser definida como domínio do visível, aquilo que a vista abarca.”

Essa definição considera o aspecto do visível, ou seja, a paisagem percebida pelo sujeito. Porém, como já citamos anteriormente e também para o autor, esse tipo de análise é insuficiente para se compreender a realidade, e deve ser adicionada de uma leitura que também englobe os determinantes objetivos.

Para o autor a paisagem é a materialização de um instante da sociedade, mas também fruto das diversas maneiras de produzir, que desencadeiam novas formas de organização do espaço. Cada momento histórico possui uma forma de produzir, circular, distribuir e consumir; obviamente não homogênea no mundo como um todo. Entretanto, todas elas marcam a paisagem, e os objetos inseridos no espaço, com o intuito de desempenhar essas funções num determinado período temporal, vão se acumulando na paisagem para além desse período.

FIGURA 1



Fonte: NIREZ, 1991

FIGURA 2



Fonte: Arquivo pessoal.

FIGURA 1 e 2 – As transformações na paisagem são frutos das mudanças nas estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais. Na foto podemos observar a Praça do Ferreira, na cidade de Fortaleza, em 1940 (FIGURA 1), e em 2008 (FIGURA 2). Novas formas são inseridas e outras retiradas da paisagem, enquanto outras permanecem refuncionalizadas.

Nos termos de Santos (2008):

A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos. Daí vem a anarquia das cidades capitalistas. Se juntos se mantêm elementos de idades diferentes, eles responder diferentemente as demandas sociais. A cidade é essa heterogeneidade de formas, mas subordinada a um movimento global. O que se chama desordem é apenas a ordem do

possível, já que nada é desordenado. Somente uma parte dos objetos geográficos já não atende aos fins de quando foi construída. Assim, a paisagem é uma herança de muitos momentos já passados [...]. (Santos, 2008, p. 73)

A citação acima reflete o entendimento adotado por nós para definir paisagem. Percebemos até então, a importância do conceito de paisagem para a construção do saber geográfico ao longo do tempo, tornando uma das categorias fundamentais desse conhecimento. Todavia, esse conceito não possui destaque somente na construção da Geografia acadêmica, também na efetivação da Geografia enquanto disciplina escolar. Acreditamos que em especial, nos últimos dez anos, com a homologação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), em 1996, onde a esfera da cidadania é exaltada nos processos educacionais, e com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia, em 1998.

Para a construção do conceito de paisagem no ensino de Geografia é importante considerar esse conceito como a primeira aproximação do lugar, chave inicial para apreender as diversas determinações desse lugar. A partir daí, a análise poderia se encaminhar para o entendimento do espaço geográfico, através de sucessivas aproximações do real estudado. Assim sendo, torna-se essencial a reflexão sobre esse conceito inserindo elementos como, por exemplo, os sugeridos anteriormente por Santos, desde que não se perca de vista a dimensão objetiva e subjetiva da paisagem e de sua construção.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia definem paisagem como sendo unidade visível do arranjo espacial, observado e percebido por nossa visão. Definição que parece ligado aos dizeres de Santos (2008).

Como citamos antes, a paisagem revela não somente as relações de produção da sociedade, suas estruturas, contudo, mas também descortina o imaginário social, as crenças, valores, os sentimentos das pessoas que as constroem (CORRÊA, 2005). Logo, no ensino de Geografia, a consideração desses aspectos da paisagem, é um componente de destaque no conjunto das representações sociais dos alunos e professores (CAVALCANTI, 1998).

Então, na formação do saber geográfico na escola, o conceito de paisagem aparece, *a priori*, no nível de análise do lugar. É pela paisagem, entendida a partir de seus determinantes objetivos e subjetivos, que se vivencia empiricamente um primeiro nível identificação com o lugar.

Contudo, às vezes, o conceito de paisagem é “passado” pelos professores de uma forma tão rígida, que o mesmo parece, em certas circunstâncias, não estar ligado a algo real. Parece uma coisa inventada simplesmente para ser parte integrante do currículo escolar. Não nos sugere a análise da realidade. A paisagem é para Manoel Fernandes, em seu livro *Aula de Geografia e algumas crônicas*: “essas coisas todas que mexem com meus sentidos se misturam quando entro em contato com o mundo, estabelecem códigos de afetividade, desenham seus traços sensoriais dentro de mim. A isso tudo posso denominar de paisagem [...]” (SOUSA NETO, 2008, p. 69). Portanto, cabe trazer, dentro do ensino de Geografia, a paisagem para o universo do aluno, para o lugar vivido por ele, para os lugares cheios de simbolismo na sua cidade, os lugares herança dos diferentes regimes de acumulação, os lugares que de uma maneira ou de outra, influenciaram ou influenciam, a efetivação do viver a cidade. Isto é, que a paisagem seja um elemento conceitual que o ajude a compreender o mundo em que ele vive. Para tanto, o processo de ensino-aprendizagem deve estar baseado na reflexão e na contestação.

Mostrar elementos de embasamento para a construção de uma definição do conceito de paisagem para os alunos, não significa, minar as possibilidades de múltiplas conceituações. “No entanto, a reflexão anterior busca elencar aspectos do conceito de paisagem que se deve enfatizar para que ele seja o mais instrumentalizador possível do pensamento e da ação dos alunos.” (CAVALCANTI, 1998, p. 101)

Nesse mesmo sentido, dentro da Geografia escolar, o procedimento de observação da paisagem deve ser estimulado pelo professor dentro da aula de campo.

A paisagem problematizada através de uma observação direta do lugar de vivência do aluno ou de uma observação indireta de uma paisagem representada pode fornecer elementos importantes para a construção de conhecimentos referentes ao espaço nela expresso. (CAVALCANTI, 2002, p.81)

Assim, encerramos a discussão, sobre o conceito que acreditamos ser o norteador do trabalho de campo em Geografia, ou no ensino de Geografia, e iniciamos algumas considerações sobre o mesmo.

O ESTUDO DA PAISAGEM NA PRAÇA DO FERREIRA

O centro de Fortaleza representa o símbolo do povo. Suas praças, estabelecimentos comerciais, logradouros e avenidas são partes viva da nossa história. Guiar os alunos para um caminhar ao centro é de fundamental importância no reconhecimento de nossa identidade. Discorreremos sobre o centro de Fortaleza: sua delimitação, história, importância econômica e alguns pontos históricos do centro na realização de um percurso urbano com os alunos.

Segundo a Legislação Urbanística do Município de Fortaleza (FORTALEZA-2003), a delimitação do centro compreende ao norte o oceano atlântico; ao sul a Avenida Domingos Olímpio, ao leste a Rua João Cordeiro e a oeste a Avenida Filomeno Gomes, área correspondente ao centro expandido. Esta parte da cidade é histórica, caracterizada por ser de uso comercial e poucas moradias. Núcleo inicial da cidade, o centro registra no presente os fatos cotidianos do passado e carimba na paisagem as relações econômicas de Fortaleza. Silva registra: “hoje, vê-se nitidamente que a planta de Herbster vigora com força excepcional”, e finaliza: “o que fora planejado há 126 anos, permanece”. (SILVA, 2001, p.30).

O centro histórico de Fortaleza é um recorte na cidade importante para praticar a aula de campo e incentivar a observação da paisagem. Essa área da cidade destaca-se nas formas e nas relações sociais contidas no espaço. As formas arquitetônicas simbolizam o espaço construído da sociedade cearense no final do século XIX e século XX e marcam na paisagem relações econômicas do movimentado centro do século XXI, caracterizado pela reprodução do capital, advinda das lojas nacionais e internacionais instaladas no centro: Mc Donald, Lojas Americanas, Marisa, Farmácia Pague Menos e pelo forte sistema financeiro bancário: Banco do Brasil, Itaú, Bradesco.

A Praça do Ferreira é o local de encontro na cidade; representa o dinamismo do centro através do comércio e acima de tudo é o coração do centro da cidade. Quem nunca associou o centro de Fortaleza pela imagem da própria praça? Esta representa a cidade e observa o caminhar diário das massas sedentas de créditos para comprarem nas diversas lojas. Possui o relógio da hora, símbolo do tempo, este que não pára, conta cada segundo das ações na grande Fortaleza, desde o tempo exato da limpeza de um

flanelinha do centro nos pára-brisas de uma Hilux estacionada na Duque de Caxias até o tempo exato de um processo judicial no fórum.

Um aspecto relevante da praça é o seu próprio nome. O nome dado à praça refere-se à localização geográfica da Farmácia do Boticário Ferreira. Já havia Ferreira instalado aí a sua morada e a sua botica, no lado da rua da palma. (Major Facundo). Raimundo Girão relata esse fato: “No ano de 1871, decorridos mais de onze anos da morte do Boticário, a praça que também atendia com o apelido de praça municipal, tomou a denominação de Praça do Ferreira, em memória” (GIRÃO, 1997. P.125).

A Praça do Ferreira difere-se de outras praças do centro. Ao sentar no banco e olhar ao redor da praça, notam-se muitos estabelecimentos importantes na cidade e também se observa os “os novos estabelecimentos” comerciais existentes na praça, como um Duda’s Burguer ou uma Casa Pio. Não seria a praça uma expressão da sua forma urbana? A resposta é não. Ou melhor, a praça reflete a forma marcada no espaço e as relações sociais contidas nela ao longo dos tempos. O cine São Luiz, o hotel Excelsior e o antigo clube cearense são marcas do passado no tempo presente.

A praça teve diversos nomes: Feira Nova; onde se realizavam as feiras semanais transferidas da Praça Carolina no ano de 1829. Largo das trincheiras; uma das versões do nome está ligada a uma família que residia nas proximidades da praça, José Cavalcante que tinha o apelido de trincheira e nas quais os rapazes e moças da época se reuniam para as festas habituais. Foi chamada Praça Pedro II em homenagem ao imperador do Brasil. (BENEDITO, 1999). No dia treze de Outubro de 1871 passou a ser chamada de Praça do Ferreira, homenagem ao tenente coronel Antônio Rodrigues Ferreira², pelos relevantes serviços prestados no município, como vereador e intendente em 1843 a 1859.

Em seis de Dezembro de 1842 o intendente Manuel Teófilo Gaspar de Oliveira mediante lei da Assembléia provincial, autorizou a reforma do plano da cidade na qual incluía a reforma do Lago, eliminando o Beco do Cotovelo.

A principal reforma da praça foi no ano de 1902 com o Intendente Guilherme Rocha, a praça recebe sua primeira urbanização com pavimentação. A partir de 1886 foram instalados quatro quiosques (cafés – restaurantes), um em cada centro da praça, onde a sociedade reunia-se para atividade de lazer e cultura, no centro do jardim, a cacimba cavada em 1877 e que servia a comunidade passou a fornecer água para o jardim (BENEDITO, 1999). As principais reformas da praça mostram a tendência do governo para urbanizar o local e criar as condições de lazer na praça para as classes de renda média de Fortaleza.

Na Praça do Ferreira as pessoas, que freqüentavam o lugar, mantiam as praças como ponto de encontro e marco de simbologia. A sociedade tinha relações íntimas com o cotidiano na praça. Um fato interessante da praça era a existência do cajueiro da mentira. Árvore existente no lado sul da praça a qual foi eleita como tal por volta de 1904, idéia de Álvaro Weyne, Antônio Martins, Henrique Cals. Eles simbolizaram um aspecto popular da cidade no contexto da praça que era a mentira. Os políticos corruptos da época tinham muita facilidade de mentir e a população empregava a mentira como forma de diversão. No dia primeiro de Abril era enfeitado e lá era eleito o comandante do Batalhão da Mentira.

Em 1933 o prefeito Raimundo Girão demoliu o coreto e construiu a coluna da hora, modificando os aspectos da cidade. A Praça passa então a ser o local de

² O boticário Ferreira, nasceu em Niterói, em 1801 e por volta de 1825 conhece a Antônio Caetano de Gouveia, Cônsul de Portugal, o qual trouxe para o Ceará, como seu caxeiro. Com 21 anos de idade adiantada prática de farmacologia, obtida na sua terra natal, e suas receitas salvaram a mulher de seu protetor que o ajudou a obter da junta médica de Pernambuco licença para montar botica e se estabelecer.

simbologia da cidade. Em 1967 o prefeito Engenheiro José Walter Barbosa Cavalcante demoliu a praça construindo outra completamente diferente, mudou os pontos de ônibus para a Praça José de Alencar, demoliu a coluna da hora, prometendo construir no local um monumento a Antônio Ferreira. O Visual da nova praça causou indignação e protestos da população e durante muito tempo passou a reivindicar o retorno de uma praça com as características tradicionais. No ano de 1991, no governo de Juraci Magalhães ocorreu a construção de uma nova praça, resgatando as características da praça tradicional. No decorrer dessa evolução a Praça do Ferreira mostra-se como local de representações e de encontro do fluxo comercial de Fortaleza, resultado da ação da cultura ao longo dos tempos na paisagem natural.

CONCLUSÕES

No decorrer da evolução do pensamento geográfico os conceitos, as metodologias e as mentalidades foram se modificando e assumindo novas formas. O próprio conceito de paisagem foi tendo ênfase em algumas fases do Imperialismo francês e Inglês e perdendo relevância em outros momentos. La Blache da escola francesa considerava a paisagem como gênero de vida, na qual possuía elementos harmoniosos.

Com o aparecimento do pensamento crítico da Geografia, tivemos no Brasil a participação influente do geógrafo Milton Santos que associava a paisagem com o percebido pelos sentidos, que repassa para o observador os elementos da interpretação. O geógrafo inglês Sauer afirmava que o conceito de paisagem é o resultado da cultura deixada no espaço geográfico pelos grupos dominantes. Os dois possuem mentalidades diferentes sobre o conceito de paisagem, entretanto os dois analisam as formas urbanas como fruto das inter-relações entre o ser humano e o meio no qual habita. A perspectiva do trabalho é mostrar que a paisagem é resultados de vários elementos sociais, políticos e econômicos e que é ferramenta para o ensino da Geografia escolar.

A discussão feita entre a importância da paisagem e sua fundamentação para o conhecimento geográfico torna-se relevante no contexto da geografia cearense, pois desperta novos olhares para uma Geografia local.

O centro de Fortaleza representa o símbolo do povo. Suas praças, estabelecimentos comerciais, logradouros e avenidas são partes viva da nossa história. Guiar os alunos para um caminhar ao centro é de fundamental importância no reconhecimento de nossa identidade. Discorreremos sobre o centro de Fortaleza, precisamente a praça do Ferreira: sua delimitação, história, importância econômica e alguns pontos históricos do centro na realização de um percurso urbano com os alunos. O centro de fortaleza torna-se uma área interessante de se estudar, pois algumas formas estão preservadas e demonstra esse modo de vida da população. Remodela-se como lugar da periferia, entretanto as formas arquitetônicas não desapareceram no espaço, a paisagem marca o centro como local das classes abastadas de Fortaleza no século XIX.

Para os alunos e até para os próprios geógrafos é mais fácil perceber o movimento aparente existente do que perceber as relações sociais e econômicas contidas no local. Sabemos que a paisagem no espaço geográfico está estática no construído, mas não no movimento próprio da cidade. É importante relatar para os alunos quais os elementos que compõe aquele local e que durante os tempos modificaram as relações sociais. É mais eficiente que os alunos problematizem a área, conectando os elementos de transformações econômicas de Fortaleza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEDITO, F. **Caminhando por Fortaleza**: Destak – Gráfica e Editorial, 1999. 217p.

CARLOS, A.F **A cidade**. 8ªed. São Paulo: contexto.2005.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico)

_____. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CLAVAL, P. As abordagens da Geografia Cultural. In.: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (org.). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

CORRÊA, R. L. Monumentos, política e espaço. In.: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). **Geografia**: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005.

CORRÊA, R.L, ZENY ROSENDAHL. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1998.

COSTA, M. R. da. **Feira livre de Cascavel-CE**: meio de educar. 2007. Monografia (Especialização em Ensino de Geografia) – Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

DESCARTES, R. **Meditações sobre a filosofia primeira**. Tradução: Fausto Castilho. São Paulo: CEMODECON, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 33ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

GIRÃO, R. **Geografia Estética de Fortaleza**. Fortaleza: Casa de José de Alencar/ Programa Editorial, 1997. 264p.

MORAES, A. C. R. de. **Geografia**: pequena história crítica. 19ª ed. São Paulo: Annablume, 2003.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN'S) para o ensino da Geografia: Disponível em: <www.mec.br>Acessado em 15 jun 08.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Plano de Estruturação Urbana do Município de Fortaleza** – projeto LEGFOR. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Infraestrutura. Fortaleza, 2003.

SUERTEGARAY, D. M. A. Pesquisa de campo em Geografia. **Revista Geographia**. Rio de Janeiro, ano IV, n. 7, jan/jun. 2002. Disponível em: http://www.uff.br/geographia/rev_07/dirce7.pdf Acessado em: out/2008.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6ª edição. São Paulo: Edusp, 2008. (Coleção Milton Santos)

SILVA, A.M.R. **O trabalho de campo**: forma de aproximação da teoria com a prática. Disponível em: <www.educacaopublica.rj.br/biblioteca/geografia/geo03b.htm> acessado em 15 jun 08.

SILVA, J. B da. **Nas trilhas da cidade**. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria e Desporto do Ceará, 2001.

SOUSA NETO, M. F. de. **Aula de Geografia e algumas crônicas**. 2ª edição. Campina Grande: Bagagem, 2008.

THARALLS, Z.A. **O ensino da Geografia**. Tradução de Dalilla C. Sperb. Nova York: Copyright. 1967.

VIEIRA, S.L. **Estrutura e Funcionamento da educação básica**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2001. 144p.

Enviado em: 05/2013
Aprovado em: 07/2013